

Prevenção da resistência escolar*

Geraldina Porto Witter

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Piñago, ao fazer o prélogo da obra aqui resenhada, aponta justamente para a frustração dos países latino-americanos que, tomando ciência do papel da educação para seu desenvolvimento nos anos sessenta, fizeram investimentos e reformas, mas continuam basicamente com os mesmos problemas e sem soluções efetivas para os mesmos. Entre os erros subjacentes a este quadro deplorável está a falta de pesquisa consistente na área. Como o livro é o relato de vivência de mais de cinco anos de pesquisas enfocando um tema específico e relevante, é visto por Piñago como um exemplo a seguir.

A obra trata de uma problemática que tem merecido a atenção de muitos pesquisadores, desde os anos 30, a partir dos clássicos trabalhos de Bradwin sobre a fuga, as ausências frequentes e sistemáticas de crianças que, por uma razão ou outra, acabam, por falta de assiduidade, jubiladas, ou se evadem das escolas. Muitas dessas crianças apresentam o que a literatura de língua inglesa denominou *fobia escolar*, a de língua espanhola denominou *rechaço escolar* a que se pode denominar também de *resistência escolar*. Nestes casos a criança resiste, nega-se a ir à escola, foge dela, apresentando às vezes temor ou ansiedade para se afastar do lar, outras vezes os mesmos sentimentos aparecem em relação a situações escolares. As autoras entendem por resistência ou rechaço escolar a negativa ou resistência da criança em freqüentar a escola... esta resistência pode estar associada com o temor ou ansiedade de separar-se dos pais e de deixar sua casa, ou ser o produto de um temor específico a alguma situação escolar.

Chamam de *ansiedade de separação* ou *problema de adaptação* ao primeiro caso e de *fobia escolar* ao segundo.

Na introdução, as autoras justificam o estudo dessa questão, pelo fato de ser um problema comum mesmo em países de primeiro mundo, tendo conseqüências pessoais e sociais muito graves. Após conceituarem a variável principal, apresentam os objetivos gerais do trabalho.

O primeiro capítulo é a descrição de uma pesquisa epidemiológica, realizada na Venezuela, que se faz necessária como base para qualquer trabalho de prevenção como forma de avaliação de como o problema estava na realidade, para identificação de grupos de risco. O referencial teórico deste capítulo é constituído por uma revisão da resistência escolar compreendendo os componentes: subjetivo (sentimentos da criança), fisiológicos (dor estomacal, náuseas, tensão muscular etc.) e comportamentais (esquiva e fuga à escola). Apresenta também a síntese de estudos feitos na Inglaterra, Estados Unidos e Japão. Descreve a metodologia de pesquisa utilizada. Três questionários foram aplicados em 10 escolas de Caracas, em pais, professores e alunos, tendo também levantado dados dos alunos nas secretarias das escolas. Os resultados mostraram como principais temores: a reprovação, ter notas baixas e ser encaminhado à direção da escola. Tendem a ter mais temores: as crianças mais novas, do sexo masculino, de escolas privadas e nível socioeconômico baixo.

O segundo capítulo é o relato de uma pesquisa em que se procedeu a análise funcional do problema de comportamento levantado e caracterizado no capítulo anterior. As autoras começam por indicar as muitas variáveis associadas à resistência, revendo pesquisas realizadas de 1959 até 1983, organizando-as em uma tabela em que explicitam autor, ano, país,

* Audaz, E.G. De; Muñoz, E.V. De; Chaberman, L.F. De e Gelfand, D. 1993. *Rechaço escolar*: análisis funcional y posibles estratégias de prevención. México: Trillas, 215 p. Endereço para correspondência: Departamento de Pós-Graduação em Psicologia - Puccamp, rua Waldemar César da Silveira, 105, Swift, CEP 13045-270, Campinas, SP

sujeitos, método, resultados e as variáveis associadas. Destacam as variáveis: sexo, idade, nível socioeconômico, variáveis da família, características pessoais da criança e variáveis desencadeantes (morte de familiares, mudança de escola, dificuldades interpessoais, normas escolares, exigências acadêmicas etc.). Na descrição do método foram explicitadas todas as informações necessárias tendo sido constituído um grupo experimental (apresentava rechaço) e outro de controle. Os resultados mostraram três tipos de resistência: problemas de adaptação, fobia escolar e problemas emocionais, sendo os primeiros os mais frequentes e raros os últimos. Na maioria das variáveis globais houve diferenças significantes entre os grupos (dependência, mudança de escola, indicadores de rechaço e porcentagem de ausências à escola). A análise funcional dos vários tipos levou as autoras a concluir: “consideramos conveniente assinalar que tanto os programas de tipo terapêutico como as intervenções de caráter preventivo devem vincular-se intimamente ao tipo de rechaço que se pretende prevenir ou remediar. De acordo com os resultados apresentados nesta obra, é claro que cada um destes tipos ou categorias se associam com variáveis muito específicas que requerem um tratamento diferente. Assim, o delineamento preciso de programas de intervenção, seguindo o tipo de rechaço é um requisito indispensável quando se deseja obter os melhores resultados” (p. 73).

O terceiro capítulo apresenta os resultados de pesquisa testando a eficiência de vários programas de intervenção em nível de prevenção. No referencial teórico as autoras começam por rever a necessidade dos programas de prevenção e discutem as características, vantagens e desvantagens de três tipos de prevenção primária: comunitária, por grupos de idade e por grupos de risco. Uma parte do trabalho destinou-se a localizar precocemente as crianças de risco (alto, médio e baixo), as quais foram divididas em três grupos: experimental, atenção e controle. Os resultados permitiram às autoras concluir que: “atitude negativa em relação à escola pode surgir da aprendizagem de uma experiência desagradável” (p.112)... é importante a ação conjunta de pais, mestres e escola”... (p.115), não se deve deixar que a

criança não vá à escola, isto apenas aumenta seu medo, “é melhor agir em tempo” (p. 118)... “ajudar a criança a ser mais resistente e menos vulnerável é tarefa conjunta de pais e professores” (p. 119).

O livro está muito bem redigido e os capítulos podem ser lidos independentemente uns dos outros, o que facilita seu uso em seminários.

Em apêndice aparecem todos os instrumentos da pesquisa, o que facilita a réplica. Aliás, seria particularmente útil que isso acontecesse em outros países, como no Brasil. Também aparecem outros dados complementares.

A bibliografia utilizada é rica, predominantemente constituída por artigos de periódicos embora não muito recentes, em função da data de publicação do livro. O trabalho é completado por um índice onomástico.

Trata-se de uma obra interessante e rica de sugestões para especialistas quer estejam apenas dedicados à prática, quer sejam pesquisadores, quer façam da prática seu campo de pesquisa. O leitor sempre terá a ganhar com obras como esta.